

Comprimento mini, liberdade máxima

Atemporais, as minissaias e os microshorts retornaram aos holofotes de forma ousada e em novas narrativas

POR GIOVANNA KUNZ

s minissaias e os microshorts dominam as passarelas e as ruas, marcando presença nas coleções de grifes internacionais e nos guarda-roupas urbanos. Apesar de algumas peças manterem o comprimento tradicional, cerca de um palmo acima do joelho, versões ainda mais curtas, logo abaixo da linha da calcinha e da cueca, ganham destaque pelo forte apelo visual e simbólico.

Além de surgirem em diferentes comprimentos, os shorts e as saias também não se limitam a um único tecido. Há opções em jeans, malha, alfaiataria, linho, crochê, além de modelos com babados e volumes bufantes. Essa variedade reforça o caráter versátil e expressivo do mini, que se adapta tanto ao dia quanto à noite, e transita entre o sensual, o moderno e o elegante.

Para a consultora de imagem Helô de Paula, o comprimento mini é uma tendência cíclica, que desaparece por um tempo, mas sempre retorna. Desde o fim da pandemia, ela observa que a moda tem atravessado mudanças profundas: do conforto do estilo comfy, típico do isolamento, à energia vibrante do color block, símbolo da retomada das rotinas. Nesse cenário de contrastes e reinvenções, o retorno do mini surge como uma representação de liberdade, personalidade e transgressão. "Demonstra uma vontade coletiva de leveza e ousadia", destaca.

Um clássico reinventado

A consultora de imagem Marcele Monte Mór aponta que a volta do mini é também um resgate histórico. Com forte influência das décadas de 1960 e 2000, períodos marcados pela revolução dos costumes e pelo culto à juventude, essa tendência tem sido especialmente abraçada pela geração Z. Para ela, grifes como Miu Miu, Versace e Prada têm desempenhado papel fundamental nessa retomada, reinterpretando o mini em versões que vão do romântico ao urbano, do delicado ao esportivo.

Divulgação/Prada



Na Prada, quanto menor, melhor